



CENTRO UNIVERSITÁRIO LUTERANO DE PALMAS

Recredenciado pela Portaria Ministerial nº 1.162, de 13/10/16, D.O.U nº 198, de 14/10/2016
ASSOCIAÇÃO EDUCACIONAL LUTERANA DO BRASIL

Jéssyka Hanah da Silva Oliveira Lima

O PANÓPTICO NAS REDES SOCIAIS DIGITAIS E SUA RELAÇÃO COM A SUBJETIVIDADE DOS SUJEITOS

Palmas – TO

2019

Jéssyka Hanah da Silva Oliveira Lima

O PANÓPTICO NAS REDES SOCIAIS DIGITAIS E SUA RELAÇÃO COM A
SUBJETIVIDADE DOS SUJEITOS

Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) II elaborado
como requisito para obtenção do título de bacharel
em Psicologia pelo Centro Universitário Luterano de
Palmas (CEULP/ULBRA).

Orientador: Prof. Me. Sonielson Luciano Sousa

Palmas – TO

2019

Jéssyka Hanah da Silva Oliveira Lima
O PANÓPTICO NAS REDES SOCIAIS DIGITAIS E SUA RELAÇÃO COM A
SUBJETIVIDADE DOS SUJEITOS

Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) II como
requisito para obtenção do título de bacharel em
psicologia pelo Centro Universitário Luterano de
Palmas (CEULP/ULBRA).

Orientador: Prof. Me. Sonielson Luciano de Sousa

Aprovado em: ____/____/____

BANCA EXAMINADORA

Prof.^a Me. Sonielson Luciano de Sousa

Orientador

Centro Universitário Luterano de Palmas – CEULP/ULBRA

Prof.^a Dra Irenides Teixeira

Centro Universitário Luterano de Palmas – CEULP /ULBRA

Prof.^a M.e Muriel Correa Neves Rodrigues

Centro Universitário Luterano de Palmas – CEULP/ULBRA

Palmas - TO

2019

Dedico este trabalho ao meu tio-avô, Ribamar, que não se encontra mais neste plano e me deu de presente o primeiro livro que me fizesse pensar na Psicologia.

AGRADECIMENTOS

Universo por eu existir, respirar e poder experimentar as dores e delícias desse mundo.

Família Oliveira, primeiramente por ter ido buscar eu, minha mãe e meus irmãos na minha cidade natal.

Orientador Sonielson, por ser a pessoa mais evoluída que já conheci até hoje e claro, por todas as oportunidades, todo conhecimento, paciência e carinho.

Prof^a Irenides pela gestão do curso de Psicologia do Ceulp/Ulbra, pelo carinho, pelos abraços, pela paciência no trato comigo, pelo ombro que me deu quando precisei e por um dia ter me chamado para conversar sobre redes sociais digitais e ter trazido seu orientador de doutorado, Edvaldo Souza para uma palestra incrível que me abriu um leque conhecimento sobre a temática: o tema desse TCC.

À Muriel Rodrigues, pelo incentivo e apoio clínico, pelas orientações e claro pelos puxões de orelha. Obrigada por ter me suportado!

Irmã Maria Emanuella pelas conversas, pela casa sempre de portas abertas à me receber e à todas as irmãs.

Nilda Belo, pelo espírito materno que me concedeu quando tanto precisei.

Patrícia Auriema, pela maturidade e pela oportunidade de crescimento.

Eduardo Busquets por ter sido bastante querido para ajudar quando precisei.

Bruna Medeiros, por ser sempre direta, objetiva e ter sido tão influente nessa minha pesquisa.

Bruna Neves, pelas melhores conversas e ser uma pessoa com quem me identifico.

Daniella Lima, pelas festas, pelas saídas, pelos diálogos e por me permitir ser próxima.

Pollyana Prates, por ter sido a supervisora mais paciente e fofa que eu poderia ter e por me apresentar à família linda que tem.

Ângelo Marcos, Silas Bispo e Tácio Gonçalves, que por diversas vezes passaram na minha casa, enquanto eu estava cansada, para espairecer a mente.

Talita Paniago, por ter sido sempre uma pessoa desconstruída e meiga comigo.

Nazareno, tudo o que eu escrever não seria suficiente para agradecer o que você representou pra mim até aqui.

Wilma Remde pelas caronas à Sangha Budista que me permitiram meditar e assim me manter menos estressada durante este percurso, além dos açais e das conversas filosóficas carregas de sorriso.

À Ana Laura, minha eterna gratidão pelos favores, pelos presentes, por gostar de me ouvir, pelas risadas e por se preocupar tanto. E claro, por todo o auxílio do dia-a-dia.

À Viviane Lessa, que foi minha primeira psicóloga ainda na adolescência me acompanhando com todo o seu trabalho. Sem ela, eu não teria enxergado o potencial dessa profissão.

À Pitty e à Mel, minhas lindas cadelas de estimação que me fizeram companhia e alegria durante anos, mas que agora estão em outro plano.

E um agradecimento muito especial para aqueles que acreditaram e também para aqueles que duvidaram. Isto me fez ter vontade de crescer!

RESUMO

LIMA, Jéssyka Hanah da Silva Oliveira. **O panóptico nas redes sociais digitais e sua relação com a subjetividade dos sujeitos. 2019. 37 f.** Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) – Curso de Psicologia, Centro Universitário Luterano de Palmas, Palmas/TO, 2019.

O uso de redes sociais digitais na contemporaneidade é bastante utilizado no cotidiano dos sujeitos, de forma que permite-se observar a subjetividade de outros sujeitos e também ser observado. Tendo isso em vista, este trabalho tem o objetivo de identificar como se exercem algumas formas do panóptico de vigilância dos corpos em redes sociais digitais, e sua relação com a subjetividade dos sujeitos, sendo usada uma revisão sistemática dos últimos 5 anos contando à partir de 01/01/2014 à 12/11/2018 com levantamentos de artigos nas plataformas Pepsic e Google Acadêmico através das palavras-chaves panóptico, redes sociais, dispositivos de controle, psicanálise, subjetividade, Facebook e Instagram. Além disso, as redes sociais escolhidas como critério de interesse para esta pesquisa foram Facebook e Instagram. Nesse seguimento, esta pesquisa tem finalidade metodológica básica, de objetivo experimental, de abordagem qualitativa, com método exploratório—descritivo e explicativo. Procurou identificar de que forma os impactos em redes sociais digitais se exercem e obteve como resposta ao problema de pesquisa, que o panóptico nas redes sociais digitais interfere na subjetividade dos sujeitos de modo negativo e positivo, operando através de narrativas em diversos contextos, tais como comentários, publicações sobre políticas, uso de *hashtags*, *stories* e nos discursos de humor. Além disso, foi possível observar a carência de psicólogos e psicanalistas na pesquisa sobre tal temática.

Palavras-chave: Panóptico; Redes Sociais; Dispositivos de Controle; Psicanálise, Subjetividade; Facebook; Instagram.

ABSTRACT

LIMA, Jéssyka Hanah da Silva Oliveira. The panopticon in digital social networks and its relation with the subject subjectivity. 2019. 62 f. Course Completion Work (Undergraduate) - Psychology Course, Lutheran University Center of Palmas, Palmas / TO, 2019.

The use of digital social networks in contemporaneity is widely used in the subjects' daily life in a way that allows observing the subjectivity of other subjects and also being observed. With this in view, this work aims to identify how some forms of the panopticon of body surveillance are exercised in digital social networks and their relationship with subjects' subjectivity, and for this purpose a systematic review of the last 5 years was used, from 01/01/2014 to 12/11/2018 with surveys of articles on the platforms, Pepsic and Google Scholar through the keywords panopticon, social networks, control devices, psychoanalysis, subjectivity, Facebook and Instagram. In addition, the social networks chosen as the criterion of interest for this research were Facebook and Instagram. In this follow - up, this research has basic methodological purpose, of experimental objective, of qualitative approach, with exploratory, descriptive and explanatory method of content. It sought to identify how digital social network impacts are exerted and obtained as a response to the research problem, it is concluded that the panopticon in digital social networks interferes in the subjectivity of the subjects in negative and positive ways and operating through narratives in diverse contexts , such as comments, policy publications, uses of hashtags, stories, and humor speeches. In addition, it was possible to observe the lack of psychologists and psychoanalysts in the research on this subject.

Key-words: Panopticon; Social Networks; Control Devices; Psychoanalysis; Psychology, Subjective Formation; Facebook; Instagram.

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

RS	Redes Sociais
ULBRA	Universidade Luterana do Brasil
CEULP	Centro Universitário Luterano de Palmas
BVS-PSI	Biblioteca Virtual em Saúde - Psicologia Brasil
ONG	Organização Não-Governamental
PEPSIC	Periódicos Eletrônicos em Psicologia
OMS	Organização Mundial de Saúde
FOMO	Fear or Missing Out
RSPH	Royal Society for Public Health

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 – Resultados das buscas nas bases de dados com as palavras-chaves propostas inicialmente.....	28
Figura 2 – Resultados das buscas com o acréscimo de novas palavras-chaves para refinar a pesquisa.....	29
Figura 3 – Resultados da busca pelo título e resumo.....	30

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Resumo das Análises dos Resultados.....	34
--	----

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	5
2 PANÓPTICO E REDES SOCIAIS	10
3 IMPACTO DAS REDES SOCIAIS DIGITAIS NA SAÚDE MENTAL	15
4 PSICANÁLISE E REDES SOCIAIS	20
5 <i>HASHTAGS E STORIES</i>	23
6 METODOLOGIA	26
7 RESULTADOS	30
8 DISCUSSÕES	34
9 CONSIDERAÇÕES FINAIS	43
REFERÊNCIAS	45
APÊNDICES	49

1 INTRODUÇÃO

Na contemporaneidade a interação nas redes sociais consome muito tempo da vida dos indivíduos em sociedade, sendo os brasileiros alguns dos que mais se utilizam delas, vivem a passar mais de três horas e meia diariamente em redes sociais, estando bem acima da média mundial.*¹ Compreender as nuances que fazem com que as pessoas consumam tanto tempo, e avaliar o que passa nelas é de grande importância para entender o comportamento do indivíduo nas redes sociais mais usadas da atualidade, como o Facebook e Instagram*² por exemplo, e das que irão surgir.

Com o avanço do acesso às redes sociais digitais, têm sido notadas as diversas formações de interações que estas permitem aos indivíduos, e como possuem influência nos seus modos de interagir. Essa relação, dotada de meios tecnológicos como celulares, *tablets* e computadores, cada vez mais aperfeiçoados por técnicas, possibilitam a observação de um sujeito em forma de perfil dentro da rede social, e de inspecionar os outros, permitindo também dar *likes*, compartilhamentos, registrar comentários, fazer e desfazer amizades, proceder com denúncias, tirar *prints*, postar conteúdos, criar grupos, eventos e páginas de assuntos voltados ao entretenimento; notícias; lazer; política etc. Por esses motivos propõe-se a investigar, cada vez mais de perto, como se desenvolve a formação destas massas em rede e o que se passa no psiquismo coletivo em meio à essas interações.

Para a existência de uma interação é preciso que haja a influência mútua de dois ou mais indivíduos de maneira inter-relacionada, e que com a ascensão da internet e das redes sociais é possível ter convivência, diálogo, trato e contato pessoalmente e online. Os fatores que contribuem para a interação online estão relacionados à solicitação de amizade ou *follow* dos quais estas redes permitem, de forma que assim, constitua a um ter o outro em sua lista de amigos, seguidores ou perfis que a pessoa acompanha. E a partir daí esse sujeito pode visualizar, observar, vigiar, expressar opiniões e publicar em rede.

É compreensiva a popularidade dessas redes levando em consideração o entretenimento, informações e possibilidades de expor suas opiniões que podem ser utilizadas por meio dos serviços que ela oferece. Portanto, além dessa gama de alternativas, o sujeito com seu perfil pode reagir com sentimentos, fazer denúncias, bloquear outro usuário, bem

¹ Dados do relatório “2018 Global Digital” da We Are Social e Hootsuite.

² O Facebook aparece em 1º lugar como a rede social mais usada com 2 bilhões de usuários e o Instagram em 6º com 1 bilhão de usuários segundo o relatório Digital in 2018 da We Are Social.

como compartilhar com elogios para promover a página ou opinião da pessoa que postou algo considerado “plausível” ou compartilhar com críticas, tendo o objetivo de menosprezar o que fora postado de forma negativa no qual demonstra sua avaliação e percepção.

É considerável lembrar que além de perfis individuais de pessoas físicas, também permeiam nas redes sociais perfis políticos, de meios de comunicação, famosos, instituições religiosas, instituições econômicas, instituições de saúde, instituições educacionais, instituições judiciárias e afins, as quais oportunizam a abertura de espaço, conteúdo informativo e debates com as ferramentas interativas oferecidas pelas redes. A participação dessas instituições em rede constitui-se como objetos de importante destaque neste trabalho, devido o poder que as mesmas possuem no estado instituindo leis, regras, repressão, contrato social e estabelecendo relações com os meios jurídicos.

A quantidade de dados processados e compartilhados por meio das redes sociais está produzindo mudanças na forma como os humanos se comunicam, elaboram saberes e tomam decisões. Desse modo, através dos registros de dados feitos pelas pessoas nos perfis, tais como *check-in*, rejeições a determinados conteúdos, fornecer informações em aplicativos de saúde, é possível que esses dados sirvam para o governo e para os aplicativos acompanharem o comportamento vigente em sociedade, permitindo-os manipular os sujeitos e controlar de forma efetiva (Harari, 2018).

Nesse contexto, o presente estudo foi realizado com o objetivo de avaliar se o panóptico - a vigilância - presente nas redes sociais digitais, tem interferência na formação subjetiva dos sujeitos. Assim, o problema que norteia esta pesquisa é: de que forma o panóptico nas redes sociais exerce impactos na formação da subjetividade dos sujeitos?

Para tentar compreender mais a questão, esta pesquisa se utilizou de uma revisão sistemática com recorte temporal de 5 anos, contando da data de 01/01/2014 à 12/11/2018 nas plataformas Google Acadêmico e Pepsic a partir das palavras-chaves: Panóptico; Redes Sociais; Dispositivos de Controle; Psicanálise, Subjetividade, Facebook e Instagram. Percebe-se durante a graduação de Psicologia, a necessidade de estudos e debates que explorem a influência do demasiado uso das redes sociais digitais, com as formações subjetivas dos sujeitos, gerando conhecimento sobre como são esses afetos e suas respectivas consequências.

Além do mais, a pesquisa visou ampliar o olhar da Psicanálise devido a autora deste trabalho saber da perspectiva crítica, questionadora e analítica ter conexão com a Antropologia Cultural e assim tomar acepção de costumes, crenças, conhecimentos,

comportamento, grupos sociais etc, sobre a dimensão política do profissional de Psicanálise e de Psicologia. Este estudo procurou preencher essa lacuna por levar em consideração que nas bases de dados de universidades como Universidade Federal do Tocantins, Universidade Católica de Palmas e Ceulp/Ulbra não foram encontrados artigos que abordassem essa temática no âmbito regional.

Este trabalho tem como objetivo de pesquisa problematizar de quais formas o panóptico exerce impactos nas redes sociais e como se dão as suas relações com a subjetividade dos sujeitos.

Teve como hipótese geral que o panóptico nas redes sociais digitais interfere na subjetividade dos sujeitos, influenciando em sua vida cotidiana e ocasionando prejuízos nas habilidades sociais, bem como comprometendo a percepção da imagem do sujeito em relação a ele mesmo, ansiedade e exposição excessiva, percepção de imagem negativa de si próprio e do outro, ansiedade e exposição excessiva.

Estabeleceu como objetivos específicos investigar de quais formas o panóptico se exerce nas redes sociais e quais as influências do mesmo sobre a subjetividade dos sujeitos e através da revisão da literatura, de que forma o panóptico nas redes sociais digitais Facebook e Instagram tem causado impacto na subjetividade dos sujeitos; além de conhecer, através da revisão da literatura, se as pessoas se comportam como observadoras e/ou observadas em redes sociais, ou ambas; verificar, através da revisão da literatura, se os meios de controle operacionalizam-se nas redes sociais e se influenciam as formações de identidades, modos de comportamentos e saúde mental dos sujeitos e conhecer o que a literatura na psicologia e outras áreas afins já abordam sobre o tema.

A realização desta pesquisa, com esta problemática se justifica devido os avanços tecnológicos que a sociedade tem experimentado as redes sociais digitais tornaram-se ferramentas de uso constante no cotidiano dos sujeitos. *Facebook* que conta com mais de 2,2 bilhões de usuários mensais e *Instagram* com mais de 1 bilhão de usuários, possuem cada vez mais opções de entretenimento para manter os sujeitos *online*. Com isto, é possível notar o quanto estes espaços em rede formam cenários de prazer que dão a sensação de aplacar, em alguma medida, as necessidades humanas. Além do interesse pessoal da autora deste trabalho pelos escritos de Michel Foucault e pela Psicanálise. Tendo em vista a recorrente abordagem sobre Redes Sociais no decorrer desta graduação resolveu casar estes três temas.

Os resultados dessa pesquisa podem colaborar para que se esclareçam as influências do panóptico nas redes sociais digitais e sua influência na subjetividade dos sujeitos. Esta pesquisa mostra-se de suma importância para a psicanálise e para a psicologia por buscar respostas a estas questões, devido o fato de nas redes sociais digitais operarem os maiores acontecimentos da vida na atualidade. A relevância acadêmica se dará por investigar como andam as produções da psicologia e psicanálise neste campo e oferecer subsídios para a prática clínica e social, pois as questões relacionadas as redes sociais digitais estão cada vez mais presentes nos discursos dos sujeitos, dentro dos consultórios. Assim, como, por se tratar de uma revisão sistemática, estará atualizando informações acerca dos dados coletados e procurará investigar se a psicologia está fazendo parte deste campo de estudo.

O trabalho foi organizado em capítulos que visam esclarecer as teorias que fundamentam esta pesquisa. O capítulo 2(dois) “O Panóptico e as Redes Sociais Digitais”. O capítulo 3(três) “O panóptico e a psicanálise. O capítulo 4(quatro) “O panóptico e a subjetividade. O capítulo 5(cinco) “*Hashtags e Stories*”.

Em seguida, são explicadas as opções metodológicas utilizadas na pesquisa. A seguir são explicitados os resultados e discussões acerca dos dados coletados. Neste ponto, correlaciona-se os dados coletados com o referencial teórico utilizado neste estudo. Em seguida, são apresentadas as considerações finais, onde se traça um parecer geral da pesquisa e apontam-se propostas para futuras investigações. Por fim, seguem as referências bibliográficas utilizadas no trabalho.

2 PANÓPTICO E REDES SOCIAIS

Entender sobre o panóptico implica conhecer a história e também a constituição de normas da sociedade que foram construídas e acatadas pelo ser humano no decorrer do tempo. O panóptico é um termo conceitual que foi criado por Jeremy Bentham em 1787 e, tempos depois, utilizado por Michel Foucault.

Em relação à Bentham (2000), este concede o panóptico como a casa de inspeção contendo a ideia de um novo princípio de construção aplicável a sorte de estabelecimento nos quais pessoas de qualquer tipo necessitem ser mantidas sob vigilância; em particular, no contexto histórico de Bentham (Idem), esta dinâmica era observada especialmente em casas penitenciárias, prisões, casas de indústria, casas de trabalho, casas para pobres, manufaturas, hospícios, lazaretos que eram estações dos viajantes marítimos, hospitais, e escolas com um plano de administração de vigilância no qual prosperava o objetivo de fazer com que todos os sujeitos tivessem os mesmos comportamentos de ordem .

Para Foucault (1975), em sua obra *Vigiar e Punir*, o panoptismo é

Esse espaço fechado, recortado, vigiado em todos os seus pontos, onde os indivíduos estão inseridos num lugar fixo, onde os menores movimentos são controlados, onde todos os acontecimentos são registrados, onde um trabalho ininterrupto de escrita liga o centro e a periferia, onde o poder é exercido sem divisão, segundo uma figura hierárquica contínua, onde cada indivíduo é constantemente localizado, examinado e distribuído entre os vivos, os doentes e os mortos — isso tudo constitui um modelo compacto do dispositivo disciplinar. (FOUCAULT, 1975, p. 221).

O filósofo recorre à historicidade para pensar a transversalidade do pensamento e como foram formadas as ideias, sobretudo da loucura e do que é considerado perigoso. Para a constituição desses pensamentos e sobre as ideias formadas, que geram regras na sociedade, ainda de acordo com o filósofo não é o poder que gera normas de observação, mas sim o sujeito. As normas são constituídas por tecnologias de poder que são dirigidas pelos sujeitos, ou seja, tudo é permeado pelas relações de poder no qual o sujeito está imerso nas dimensões que fazem ele mesmo ser efeito de poder.

Foucault (1975) diz que o poder não é algo que se tenha, mas sim, que se exerce, falando sempre do surgimento das instituições tais como igrejas, escola, famílias que instituíam o que ele nomeava de micropoder. Este micropoder forma são microesferas no meio da sociedade o que vem a salientar o poder nos sujeitos interferindo diretamente em suas

vidas. O filósofo dizia que estas microesferas possuem como objetivo a docilização dos corpos dos indivíduos que terminam por deixar o homem habilitado para o controle do Estado. Neste sentido, há que se falar de um sujeito que foi domesticado para atuar, inclusive nas redes sociais.

Atualmente, então, há servidão voluntária. Ettiéne (2006) denomina a servidão voluntária como a autoescravização do povo que podendo escolher entre operar no meio como submisso ou livre, escolhe por aceitar as imposições criadas pelas instituições e o estado. Nas relações de poder e fazer, este mesmo poder se exercer para corromper o ideal de liberdade, é o objetivo deste panóptico, que com o tempo vem se sofisticando cada vez mais e se estabelecendo nos mínimos locais das redes sociais eletrônicas, principalmente as que segundo o jornal *New York Times* tem maior número de adeptos, tais como *Facebook*, *Twitter* e *Instagram*.

Segundo Bruno (2006) se tomado como referência as análises de Foucault sobre os dispositivos de vigilância na Modernidade, são identificados dois elementos centrais: o olhar (as táticas do ver e do ser visto) e as técnicas de coleta, registro e classificação da informação sobre os indivíduos. Tais dispositivos instauram um regime de visibilidade que é inseparável da própria constituição da subjetividade e do indivíduo moderno que convive com as redes sociais online como parte do seu cotidiano.

Esta dinâmica se dá porque as instituições disciplinares funcionam como verdadeiros observatórios da multiplicidade humana e inauguram um mecanismo de vigilância que individualiza pelo olhar, colocando cada indivíduo sob o foco de uma visibilidade que atravessa e ao mesmo tempo produz seu corpo e sua alma segundo Silveira (2005). Além do olhar, a informação é o segundo elemento chave dos dispositivos de vigilância. O alcance e os efeitos da observação disciplinar não poderiam contar apenas com o olhar, eles requeriam também todo um “sistema de registro intenso e de acumulação documentária” (FOUCAULT, 1983a, p. 168) com seus métodos de identificação, de assimilação ou de descrição.

Na escola, no exército, na fábrica, nos hospitais, nas prisões, nas redes sociais digitais os sujeitos são, ao mesmo tempo, olhados e objetivados através de exames que irão constituir registros dos seus dados individuais (suas competências, evoluções, falhas, sintomas, características físicas e psíquicas, biografia etc.) e organizar campos comparativos que permitam classificar, formar categorias, estabelecer médias, fixar normas (FOUCAULT, 1983a, p. 169). Foucault reconhece neste “aparelho de escrita, nestas pequenas técnicas de

anotação, registro, de constituição de processos, de colocação de colunas um dos agentes fundamentais da liberação epistemológica das ciências do indivíduo”.

Bauman (2006) define a modernidade como uma modernidade líquida, na qual o imediatismo impera de forma congruente com as atitudes experimentadas pelo indivíduo nos aspectos da vida humana. O sociólogo polonês observou que na pós- modernidade o individualismo, a fluidez e a efemeridade nas relações tomam conta das relações humanas nos tempos atuais. Apenas num campo de visibilidade, mas também num campo de informações, anotações e descrições, até então privilégio dos heróis e do poderio. Ao figurar nestes campos, o indivíduo se constitui, ao mesmo tempo, como “um objeto para o conhecimento e uma tomada para o poder”.

Aciolo (2015) defende que assim como na sociedade, nas redes sociais digitais é possível relacionar-se com os sujeitos, de forma que neste local ocorre uma relativização deste espaço interno como o espaço onde valoriza-se a comunicação difundida fora destas redes. Segundo Dias; Couto (2011), as redes sociais são ambientes virtuais nas quais as pessoas interagem construindo e perpetuando normas como modo de sociabilidade estando em consonância com a divulgação do conhecimento. O processo de ascensão das redes sociais digitais fez com que novos modos de subjetivação do sujeito fossem formados. E a partir disso, estes dispositivos passaram a ter importante papel na vida e na formação de conhecimento dos sujeitos, incluindo papel importante na vigilância das pessoas.

Portanto, Bruno (2008) destaca quatro processos que interferem no processo digital, que são: os mecanismos de coleta, monitoramento e arquivo de informação, os sistemas de classificação e conhecimento de dados, os procedimentos da formação de individualização e processos relacionais de identidades, as formas de controle sobre as ações, gostos e escolhas dos indivíduos. Portanto nota-se a partir disso um poder de coleta, registro e processamento de informações sobre indivíduos. Segundo ele diversos autores veem, na atualidade, uma espécie de superpanóptico, que não mais se restringe aos espaços fechados das instituições, mas se estende tanto sobre dimensões alargadas do espaço físico quanto sobre o ciberespaço, ampliando enormemente o número de indivíduos sujeitos à vigilância. No entanto, se comparados tais sistemas informacionais com os sistemas disciplinares e panópticos, nota-se algumas transformações nas técnicas e procedimentos adotados, nos jogos de poder e de saber, nos efeitos sobre a subjetividade e a identidade.

De modo semelhante, Garton et al (1997, p.1 apud RECUERO, 2004) fala que as redes sociais digitais são reconhecidas como sistemas complexos em argumentos nos quais os usuários se conectam podendo interagir apoiados em comunicação, ou seja, um modo de sociabilidade contemporânea, que além de conectar pessoas, conecta organizações. As relações em uma rede de computadores têm a capacidade de conectar uma rede de pessoas e organizações, o que logo a torna uma rede social.

Ainda conforme Recuero (2004), redes sociais se tratam da conjunção de dois elementos formados por atores, indivíduos, empresas, instituições ou grupos e suas conexões (interações ou laços sociais), isto é o que forma o “nós” da rede (WASSERMAN E FAUST, 1994; DEGENNE & FORSE, 1999). Uma rede, assim, é um espaço de vigilância assim como o modelo prisional panóptico para observar os padrões de conexão de um grupo social, a partir das conexões estabelecidas entre os sujeitos em estado de observação. A rede tem, desta forma, como seu foco na estrutura social um trabalho onde não é possível os sujeitos de suas conexões sociais que lhe dão identidade e com isto, criar novas socializações.

De forma complementar, Redaly (2011) afirma que as redes ocupam lugar de organização das relações sociais contemporâneas, como por exemplo a organização de movimentos políticos, o que certamente traz consequências para a própria configuração e usos da mídia, principalmente através da internet. A principal consequência centra-se na passagem de uma lógica hegemônica de transmissão das informações de forma massiva e generalizada, de um pequeno grupo produtor que seriam as macro esferas de poder na perspectiva foucaultiana, a um coletivo indiscriminado que seria o micro poder o que possibilita a produção de informação e estabelecimento de comunicação de uma forma mais descentralizada e distribuída para públicos segmentados.

Em concordância com Calixto (2011) pode-se dizer que o modelo de comunicação massiva se mantém e pode ser identificado em lógicas presentes na própria internet, mas é impactado por um modelo de comunicação que se baseia, entre outros aspectos, na relação entre as mídias, em um espaço de participação maior do público na produção da informação e de autonomia no processo comunicativo. Além dos impactos mencionados, também cabe destacar o impacto que a comunicação e informação de massa ocasionadas por meio das redes sociais geram na subjetividade dos sujeitos.

3 IMPACTO DAS REDES SOCIAIS DIGITAIS NA SAÚDE MENTAL

Para pensar a relação entre saúde mental e as configurações panópticas através das redes sociais, é necessário conceituar Saúde Mental, que para a Organização Mundial de Saúde – OMS (OMS, 2007) trata-se do estado de bem-estar no qual o indivíduo realiza as suas capacidades, pode fazer face ao stress normal da vida, trabalhar de forma produtiva e frutífera e contribuir para a comunidade em que se insere. No entanto, diferenças culturais, julgamentos subjetivos, e teorias relacionadas concorrentes afetam o modo como a "saúde mental" é definida. A saúde mental pode incluir a capacidade de um indivíduo de apreciar a vida e procurar uma forma de equilíbrio entre as atividades e os esforços para atingir a resiliência psicológica. Admite-se, entretanto, que o conceito de saúde mental é mais amplo que a ausência de transtornos mentais.

Desta forma Bauman (2016) fala que as redes sociais funcionam como armadilha para a saúde mental dos sujeitos. Segundo ele, a questão da identidade foi modificada e moldada de algo preestabelecido para uma tarefa onde o sujeito tenha que criar a sua própria comunidade. Segundo o polonês, não se cria uma comunidade nos moldes modernos a partir de dispositivos eletrônicos. Ou o sujeito tem uma comunidade ou não tem. As redes sociais digitais, neste sentido, podem gerar um substitutivo frágil para o conceito de comunidade.

Neste mesmo sentido, nas redes se torna fácil adicionar, denunciar, criticar e deletar pessoas que as habilidades sociais deixaram de ser consideradas como essenciais na vida dos sujeitos. Pondé (2014) diz que Redes Sociais Digitais revelam o lado da banalidade do mau vigente no ser humano, desenvolvidas na rua, no trabalho, e nas relações de encontros com outras pessoas. O autor diz que as redes sociais não ensinam a dialogar porque é muito fácil evitar a controvérsia. Muita gente as usa não para unir, não para ampliar seus horizontes, mas ao contrário, para se fechar no que o filósofo chamo de zonas de conforto, onde o único som que escutam é o eco da voz do próprio sujeito.

Para Pinker (2009), as dimensões da cognição humana são decorrentes das influências de presente, passado e futuro sendo então as redes sociais digitais pontos de foco de estudos deste psicólogo. O autor ainda ressalta que as redes sociais digitais interferem na capacidade de memória dos seres humanos, trazendo aspectos positivos e negativos para o cérebro. Para o cérebro, que muda bastante o modo como o sujeito age em sociedade. Para ele a cognição é tudo que reúne a historicidade, biologia e genética do ser humano para poder pesquisar o que seja a saúde mental dos sujeitos. Vale ressaltar que Pinker considera que, na visão

psicanalítica, o ser humano transcende esta definição comportamental, uma vez que o sujeito é atravessado irredutivelmente pela constituição do inconsciente.

Assim, problemas como ansiedade, distúrbios de sono, depressão e medo estão associados segundo pesquisadores do *Royal Society for Public Health* (2017) associados ao consumo excessivo das redes sociais, o que acarreta problemas aos usuários – sobretudo jovens como idade entre 14 e 24 anos – que interagem corriqueiramente em redes como o Facebook, Instagram, Snapchat e Twitter.

O referido estudo constatou um efeito chamado em inglês *Fear Or Missing Out - FOMO*, tradução em português para “medo de perder”, que é a definição do receio que incentiva o usuário da rede a estar sempre conectado para saber do que ocorre na rede temendo ficar de fora das curtidas, comentários, novidades, compartilhamentos e também de compartilhar o que sai de novo.

A rede social Instagram demonstrou-se como a mais nociva para a saúde mental dos sujeitos de acordo com o estudo nomeado *Status Of Mind*, que em tradução para o português significa “estado da mente”. A pesquisa se dispôs a pesquisar as reações dos usuários das redes sociais *Facebook, Instagram, YouTube e Snapchat*. O estudo da *Royal Society Public Health* examinou os efeitos positivos e negativos das mídias sociais sobre a saúde dos jovens e constatou que o *YouTube* foi o mais positivo, com o *Instagram* e o *Snapchat* sendo os mais prejudiciais para a saúde mental e o bem-estar dos jovens.

A pesquisa destacada anteriormente solicitou ações do governo, empresas de tecnologia e formuladores de políticas para ajudar a promover os aspectos positivos das mídias sociais para os jovens, enquanto mitigam os potenciais negativos, sendo estas recomendações: introdução de um aviso de uso pesado *pop-up* nas mídias sociais - inclua o apoio dos jovens para cada uma dessas recomendações, plataformas de mídia social para identificar usuários que poderiam estar sofrendo de problemas de saúde mental por seus posts, e discretamente sinalizar para apoiar, plataformas de mídia social para destacar quando fotos de pessoas foram manipuladas digitalmente.

“A mídia social se tornou um espaço no qual nós formamos e construímos relacionamentos, formamos a auto identidade, nos expressamos e aprendemos sobre mundo ao nosso redor; está intrinsecamente ligado à saúde mental. ” (CRAMMER, diretor executivo da RSPH, 2018)

A autora explica que as ferramentas da internet estão presentes no avanço da globalização, integrando dimensões pessoais, sociais, comunitárias e tecnológicas e vários temas podem ser pesquisados na Internet entre eles o suicídio. O suicídio é problema de saúde pública que tem grande influência das mídias e por tais motivos se implementam cada vez mais estratégias de prevenção do comportamento suicida em redes sociais. Neste sentido Luxton (2012) observa: vídeos no *Youtube* que disponibilizam de comunicação preventiva às quais incluem serviços de ajuda; sistema de busca Google que possui ferramenta de caráter preventivo ao disponibilizar links.

Para o psicanalista Christian Dunker (2017) que traça um perfil da sociedade atual em *Patologias do Social* no qual dentre os temas traz a pressão por perfeição no mundo digital, o que acarreta como consequências problemas à saúde mental dos sujeitos. A argumentação do psicanalista confirma os dados levantados pelos psicólogos do estudo da ONG inglesa *Girlguiding* que já realizou uma pesquisa com mais de mil meninas, entre 11 e 21 anos, e apontou que a relação delas com mundo virtual não possui o caráter amistoso como se mostram online.

Outro autor, Shansis (2017) afirma que as redes sociais ainda mudaram a forma de interação e comunicação das pessoas. Entre os sinais mais comuns, são citados: sono desregulado, dores de cabeça, nervosismo, problemas de foco nos estudos e no trabalho, entre outros. O psiquiatra dá ênfase no principal e mais grave aspecto, que é o agravamento da depressão. Isso acontece na medida em que as pessoas fazem comparação com as vidas de outras pessoas, se sentindo infelizes e menos interessantes. Tristeza e solidão também são sinais que aparecem em quem usa rede social constantemente, defende o pesquisador.

No entanto, as consequências pelo extenso uso de Redes Sociais e, sobretudo, a vigilância nela, varia de acordo com a faixa etária de quem usa segundo os dados levantados. Se com a parcela de jovens tem demonstrado crescente resultados negativos, com idosos o seu uso prolongado os resultados mostram-se satisfatórios em relação à saúde mental dos mesmos. Miguel (2018) diz que há duas grandes vertentes hoje em relação ao uso de tecnologia para estimular o cérebro. Uma delas é o de pacotes prontos de aplicativos e softwares para treinar áreas específicas, como cognição, memória episódica, memória operacional, foco e atenção. E devido o tempo de acesso entre idosos sem ainda bem menor que nas demais faixas etárias os hábitos e comportamentos dentre da rede são outros.

Fala ainda Tapias (2003) que, ao se apoiar na tecnologia digital, a nova sociedade e sua cultura constituem o novo mundo digital, que, à maneira das impressões digitais, deixa a

sua marca em todos os âmbitos da vida social. A tecnologia digital provoca uma densa retícula de relações reconstruídas na realidade sociocultural em que são inseridos os indivíduos, transformando radicalmente as estruturas da realidade social a partir do momento em que é modificado os dois pilares da realidade cultural humana: a comunicação e a produção.

Ainda segundo o autor, a tecnologia atual alcançou uma potência inusitada e a sua capacidade de construção do mundo é de um nível inédito na história da humanidade, as novas tecnologias da informação e da comunicação ajustam-se à época de fragmentação do sujeito, de expansão ilimitada das diferenças, de identidades mutantes, de reconfiguração da realidade a partir de novas e múltiplas coordenadas. O espaço e o tempo são vividos de maneira profundamente alterada em relação ao passado, o tempo real nos instala na simultaneidade e na virtualidade, abrandando as rígidas fronteiras que até então delimitavam o real e o irreal, reconfigurando a realidade social. Há uma perda de sentido na cultura atual. O verticalismo das formas anteriores de estruturação social é substituído por estruturas horizontalistas, que, segundo o autor, muitas vezes são pseudo-horizontais, pois camuflam as relações de poder nas redes informáticas. O autor acredita que a internet não favorece a socialização, ao contrário, ela fomenta o individualismo, pois as conexões em rede não compensam a carência de relações face a face. Elas criam o individualismo em rede, pois engendram o auto encerramento de todos os indivíduos sobre o seu meio tecnológico.

Numa perspectiva otimista, Castells (2013) aponta que as redes horizontais, multimodais, tanto na internet quanto no espaço urbano, podem criar companheirismo entre os indivíduos. A horizontalidade das redes pode favorecer a cooperação e a solidariedade, ao mesmo tempo em que reduz a necessidade de liderança formal como no exemplo do estudo de idosos que já fora mencionado. Os movimentos políticos em defesa da democracia iniciados na rede também são exemplos disso. Eles são movimentos profundamente auto reflexivos, questionam-se frequentemente através dos múltiplos grupos de discussão das redes sociais. Para o autor, essa "é uma sociedade em rede autoconstruída com base na conectividade perpétua".

4 PSICANÁLISE E REDES SOCIAIS

Conforme Christian Dunker (2018) a psicanálise teoriza sobre os sofrimentos decorrentes das redes sociais. Com efeito, Kallas (2016, p. 56) diz que “Aos poucos, o véu que escondia a dor da perda e o luto passou a ser falado, compartilhado e exposto em fotografias e memoriais *on-line*. O sofrimento também é curtido através da internet.” Logo, entende-se que a psicanálise na contemporaneidade tem se debruçado sobre os novos modos de expor o sofrimento, sobretudo a partir do uso de redes sociais digitais e os novos modos de transmissão do mesmo.

Em contrapartida, segundo Lima et al (2015 p. 425) “o espaço virtual, em especial as redes sociais, veicula imperativos de beleza e de felicidade que se constituem como requisitos para que o sujeito se apresente na internet.” Em vista disso, é possível afirmar que a psicanálise também olha o corpo do sujeito nas redes sociais digitais como instrumento para o seu uso, já que a beleza é usufruto do corpo.

De acordo com Dornelles (2004, apud Leal et al., 2015, p.3), “As limitações impostas pela sociedade ao comportamento individual parecem não participar da vida online, o que estimula a auto expressão livre, que, por sua vez, pode favorecer o desenvolvimento de uma nova identidade.” Indicando que nas redes sociais digitais as pessoas conseguem se sentir à vontade para expressar o que desejam, o que acham e o que pensam, ao contrário do mundo real, onde se preocupam com as regras morais impostas da sociedade.

Assim, Furtado et al., (2016 p. 34) postula que as redes sociais oferecem um espaço para a realização de fantasias que são censuradas pela cultura. E com suas diversas possibilidades ofertadas termina por constituir-se como objeto de desejo do sujeito que insatisfeito por não poder realizar seus desejos, então recorre ao meio virtual para obter satisfação. Desta maneira, é notável que postando ou compartilhando em rede o cenário de mal-estar do sujeito se modifica.

Do mesmo modo que é possível compartilhar outros conteúdos em redes sociais digitais, também é possível compartilhar memes³ para fins de satisfação. Rudiger (2017) explica que os memes trazem característica de nonsense que na tradução para o português significa sem-sentido. Então, os memes fora de contexto do que é visto em suas imagens. Segundo Freud (1905), conforme citado por (Rudiger, 2017) o chiste, que é habilidade de

³ Memes: chavismos, ideias, modismos que são passados de pessoas para pessoas.

encontrar similaridades entre coisas nada semelhantes, tem relação com o inconsciente porque quando alguém sorri dele é porque produz prazer do qual nem sempre o indivíduo sabe sua origem.

Para Azevedo et al (2012, p. 73) “o desejo de obter visibilidade exerce um enorme poder sobre o sujeito, forçando-o a um ritual maniqueísta superdimensionado pelas Redes. ” Portanto, segundo esta autora, a busca para ser visto em redes sociais digitais, traz consigo uma série de comportamentos e que logo à partir de desejo desenvolvem-se comportamentos que passam a fazer parte da identidade do indivíduo.

Segundo Danut (2013) o impulso por se exibir faz parte da natureza humana. O psicanalista fala que as pessoas se exibem porque querem amor, querem ser amados e serem atraentes. Ele traz como exemplo os odiadores do mundo virtual, que insultam como forma de exibicionismo e com isto atacam como uma forma de “reparo” a fazer contra o outro por se colocarem numa posição de autoridade que os levam a pensar que sejam melhores que o outro. Estabelecendo desta forma uma autoestima forçada no qual é necessário atingir a autoestima do outro em rede.

Levy (2013, p. 4) diz que “utilizadas como meio de comunicação em massa, as redes sociais são formadoras de opinião, informando e sensibilizando a opinião pública, universalizando conflitos, organizando manifestações. Angariando a simpatia de milhões de adeptos ao redor do mundo, essas mídias se autorizam a ditar novos parâmetros de conduta e incitam o jovem a se (re)inserir no mundo pela ação. ” O que evidencia a influência que este meio possui para uma formação de identidade, formação de novos laços sociais e formação de mudanças históricas.

Santos (2016, p. 32) explicita “há ainda, paradoxalmente às identificações de usuários considerados solitários, as identificações em grupo, a partir de comunidades virtuais. ” Daí exprimindo que possuem dois lados nas redes, que é um positivo e outro negativo. Pois, ao mesmo tempo em que a identificação destas comunidades pode suscitar conhecimento sobre elas, também podem disseminar formas de adoecimentos, como por exemplo os grupos onde há trocas de experiências sobre automutilações, tentativa de suicídio, anorexias.

Segundo Birman (2012) conforme citado por Nicaretta & Pretto (2017, p. 87) “as relações entre os sujeitos e as redes sociais sugere estar atravessada por aquilo que Birman (2012) nomeia como um ‘sentimento de vazio’, o que acarreta por um sentimento de vazio, o que acarreta uma busca por elementos capazes de preencher espaços, de refletir e assegurar

uma imagem de si. ” Expressando que o contemporâneo causaria um mal-estar nos indivíduos de forma que este sentimento traria a ação dos excessos em redes sociais.

O psicanalista Contardo Calligaris (2017) avalia que nas redes sociais digitais, é possível expressar ódio, dar a ele um alcance público, receber curtidas de amigos e seguidores, e de alguma forma se sentir validado por este efeito. O que equivale a dizer, segundo o mesmo, que em tempos de mal-estar o sujeito não é validado pelo seu histórico de vida, mas sim por quantas pessoas gostam do sujeito e quantos *likes* recebem as publicações dele.

Outro aspecto produzido nas redes sociais digitais e que chama atenção da perspectiva psicanalítica é a linguagem, modos de falas, uso de termos e nomes impostos para certos grupos, que são comumente vistos no cotidiano dos usuários. Por isso, a psicanalista Ana Laura (2017) levanta que “é preciso reconhecer que o politicamente correto surgiu como uma reação de grupos de pessoas marginalizados e que se sentiam ofendidos por usos da linguagem que os privilegiados consideravam comum. ” O que demonstra a reação das partes que convivem em rede e que ao corroborarem uma posição também recebem um nome que lhe é empregado.

Siero (2011) recorta que “o que podemos afirmar é que a internet, como campo de relações, trouxe e vem trazendo profundos impactos subjetivos em todos os indivíduos, usuários ou não da rede. ” Fundamenta que os efeitos das redes sociais digitais têm a capacidade de interferir até mesmo para quem não faz parte dela, devido o contato nas relações com os outros sujeitos que estão dentro dela. A interação vivenciada na rede é parte da vida dos indivíduos. Mostra que as pessoas na contemporaneidade também tecem suas relações externas por meio delas.

O estar conectado oferece a sensação de encontrar-se em grupo, no entanto, não é para todos como sugere a psicanalista Flanzer (2018) ao falar que existem pessoas que passaram muito tempo de suas vidas sem conseguir fazer laços sociais e sempre foram tímidas. Então, podem ter conseguido ganhar vida social em rede. Por outro lado, segundo a mesma, há pessoas extremamente extrovertidas e eloquentes, que encontram dificuldade em se relacionar com as redes sociais. O que demonstra que não há um padrão fixo e universal para as pessoas que estão formando as comunidades virtuais dentro da rede.

5 HASHTAGS E STORIES

Dentre os recursos oferecidos pelo Facebook e Instagram - redes sociais escolhidas como foco de estudo deste trabalho - é possível fazer uso de hashtags e stories. *Hashtags* e *Stories* e ambas permitem fazer uma narrativa efêmera do cotidiano, ao mesmo passo que permitem que o sujeito mostre suas interações com o mundo, como também permite ver como se dá a relação do outro consigo, com os outros e com o mundo em seu cotidiano.

Explica Barros (2017) que quem deu o pontapé inicial com este recurso situando a rede social digital Snapchat, que segundo o autor criou o recurso chamado *Storie* do português história, que literalmente serve para fazer uma foto ou vídeo “por fazer” sendo esse o seu objetivo. A foto ou vídeo tem um tempo estabelecido de limite para ficar disponível aos usuários. Assim, o formato ficou bastante conhecido e utilizado e logo, o Instagram e Facebook fizeram sua rede passar a se utilizar do mesmo, após o empresário Mark Zuckerberg dono das duas redes sociais tentar comprá-lo sem obter sucesso.

Uma *hashtag* é uma palavra ou uma frase prefixada, precedida pelo símbolo # (*hash*, em inglês). Moura (2014) diz que toda combinação de letras ou caracteres liderados pelo símbolo # é uma *hashtag*, porque se trata justamente de uma formalização da linguagem que foi criada pelas pessoas no universo online. Um 'post' qualquer, em mensagens curtas de *microblogging* e serviços de redes sociais como o *Twitter*, *Tumblr*, *Instagram*, *Flickr*, *Google*, *Instagram* + ou *Facebook* pode ser marcado com um ou inúmeros - o número é ilimitado - "#" antes de palavras que passam a fornecer um meio de agrupamento instantâneo de mensagens e metadados - os quais, a partir daí podem ser acessados, ao alcance de um clique, de qualquer lugar do planeta, juntamente com o conjunto todo (*streaming*) de mensagens que circulam na rede com a mesma #.

O uso das *hashtags* mostram que há uma vigilância presente a que se permite observar e também ser observado não apenas outros sujeitos, mas também ao que se está em ascensão, além de produzir um conhecimento que tem influência na formação subjetiva dos sujeitos. Então, diferentes meios comunicacionais produzem modos distintos de subjetivação e este processo de organização, seleção, participação/envolvimento (inclusive afetivo) e produção de informações por parte dos sujeitos envolvidos – favorecidos pelas tecnologias (como no caso da otimização do acesso a todas as postagens feitas com a mesma *hashtag*) - estão diretamente relacionados às experiências dos produtores de conteúdo e às experiências dos leitores.

No trabalho intitulado “Entre experiências e diferenças nas mídias digitais: modos de uso e desejos-hashtag na #será que é racismo” de Baboni (2016) a autora retrata outros campos de conhecimento que centralizaram o foco de estudo sobre as hashtags voltadas para o campo de ciberativismos, a ativismos on-line e aos debates políticos relacionados à organização de grupos sociais, entre as quais destacam-se, segundo ela, os estudos de Amaral; Júnior (2016), sobre feminismos em rede, ciberativismo e a propagação das hashtags #primeiroassédio e #meuamigosecreto, os de Bortolon; Malini; Malini (2015), sobre ciberjornalismo na campanha #Nãomereçoserestuprada no Facebook; os de Reis; Leite (2016), refletindo sobre violência contra a mulher e movimentos feministas na web via hashtag #meuamigosecreto, na área de comunicação social⁴; os de Ferreira (2015), sobre feminismos na web e modos de atuação e debates contemporâneos, na área das Ciências Sociais.

Ainda sobre o trabalho de Baboni (2016) a autora também diz que Raquel Recuero e colaboradores também desenvolvem importantes pesquisas voltadas a análises estruturais de redes sociais sobre o Twitter e o uso de algumas hashtags, entre as quais destacam-se as análises de discursos sobre o dia da consciência negra (RECUERO, 2014), que aponta esta plataforma como espaço de ativismo, espalhamento de mensagem e mobilização de determinado assunto; e sobre as campanhas #primeirossedio, feita por Perdigão (2016), #Estupronãoéculpadavítima e #Belarecatadaedolar, realizadas por Rodeghiero; Schinestsck; Soares (2016).

Levanta-se também a hipótese de que o uso das *hashtags* no cenário da convergência midiática pode ser considerado uma história oral virtual. Em uma pesquisa que narra o uso das *hashtags* para uma novela, Conceição (2018) diz que quando a aderência do telespectador à narrativa televisiva transborda para outras mídias paralelamente, entendemos que existe um resgate, quase instantâneo, de uma vivência.

No Twitter, pode considerar que os assuntos pautados como “os mais comentados” (*trend topics*) expressam experiências e pensamentos comuns a um grupo de usuários (comunidades de interesse). Ter uma telenovela alçada ao assunto mais comentado em uma rede social digital é estar diante de uma nova forma de “assistir”, agora, diretamente ligada ao consumo em segunda tela. Se a mídia regente - neste caso a televisão, publica conteúdo no Twitter concomitante à exibição da telenovela na TV, encontra-se nesse ato um indicativo de interesse em consumo simultâneo. Porém, a temporalidade tem suas especificidades na Internet. Os conteúdos postados com *hashtags*, por exemplo, permitem que a busca por eles seja constante e atemporal. Assim, constrói-se uma espécie de história oral “virtual”, que

congrega memórias que até então estavam anônimas. As experiências e pensamentos comuns a um grupo tornam-se uma comunidade afetiva, que se agrupa em torno da narrativa ficcional por meio das referências individuais que cada sujeito tem sobre ela.

Outra percepção interessante, diz respeito à de Len e Mazzilli (2015) que abordam a construção de identidade e conseqüentemente da subjetividade através do recurso de *Storie* por meio do envio de imagens efêmeras através dos dispositivos eletrônicos móveis. Para as autoras, essa construção diz bastante respeito a teoria de liquidez de Bauman e ressaltam que a efemeridade é o principal diferencial do *Storie* em comparação com outros serviços de redes sociais. A efemeridade atribui certo valor à imagem no momento que, partindo de uma perspectiva econômica, o tempo de sua apreciação é escasso. Ou seja, após o tempo limite, o conteúdo desaparece para sempre e por isso, no momento que o sujeito se dispõe a visualizá-la, ele “aproveita ao máximo” a oportunidade de visualizar a imagem ou vídeo divulgado no *storie*.

Nesse sentido, as autoras defendem que o uso do aplicativo envolve um “jogo de poder” entre os interagentes, visto que o remetente da imagem tem a possibilidade de definir o tempo em que ela será exibida aos receptores, possuindo então certo “controle” sobre a maneira como ela será consumida. A publicação limita-se, entretanto, em abordar apenas o envio de snaps diretamente entre os usuários, sem considerar as Histórias. Além disso, a relação entre efemeridade das imagens e a construção de uma identidade não se mostrou clara, apesar do título do trabalho, que se limitou a descrever identidades do sujeito pós-moderno e a lógica de funcionamento do aplicativo, não aprofundando nos efeitos dessa relação.

Chateris et al. (2014), em sua publicação, faz uma revisão do discurso dos adolescentes da Oceania em meio a serviços que chamam de “mídia efêmera”. O comentário baseia-se somente em uma recuperação bibliográfica, destacando discursos de representação de si e construção de identidade dos adolescentes e jovens, com foco especialmente na construção dos discursos da sexualidade, através da perspectiva de Foucault. A relação que faz com a rede social digital *Snapchat* que também conta com o recurso de *Storie*, nesse sentido, é a de que o aplicativo empodera os adolescentes e dá-lhes controle desses discursos, devido ao caráter efêmero e privado do aplicativo. Os autores ressaltam, ao final, que o tema é rico e merece explorações mais aprofundadas.

6. METODOLOGIA

Nesta pesquisa foi realizada uma revisão sistemática que, assim como outros tipos de estudo de revisão, é uma forma de pesquisa que utiliza como fonte de dados a literatura sobre determinado tema. Conforme Sampaio et al. (2007), tem como base estudos encontrados, mais especificamente nas bases de dados: Portal de Periódicos Pepsic e Google Acadêmico.

A revisão sistemática da literatura é atividade fundamental para a prática baseada em evidência, uma vez que condensa uma grande quantidade de informações em um único estudo, tornando de fácil acesso a informação, refinando os estudos e separando os de menor rigor acadêmico dos fortemente confiáveis, além de servir de base científica para formulação de guias de condutas (GALVÃO et al. 2004, p. 496).

Esta pesquisa caracteriza-se como sendo básica e exploratória do tipo bibliográfica com abordagem qualitativa, que visou alcançar dados através de levantamentos de publicações nacionais e internacionais, análises de livros, artigos científicos e monográficos.

Segundo Oliveira (2011), o estudo exploratório possibilita ao pesquisador conhecimento sobre os fatos, o desenvolvimento e orientação mais precisa sobre uma problemática, trazendo novas descobertas que permite ao pesquisador buscar informações mais estruturadas.

E ainda de acordo com Gil (2008, p. 27):

Pesquisas exploratórias são desenvolvidas com o objetivo de proporcionar visão geral, de tipo aproximativo, a cerca de determinado fato. Este tipo de pesquisa é realizado especialmente quando o tema escolhido é pouco explorado e torna-se difícil sobre ele formular hipóteses precisas e operacionalizáveis.

A pesquisa bibliográfica foi realizada a partir do levantamento de referências, publicadas por meios escritos e eletrônicos, como livros, artigos científicos, páginas de web sites, que posteriormente foram analisados, selecionados os que foram lidos, agregados no estudo, e foram excluídos aqueles que não se encaixaram no tema da pesquisa, bem como estudos que não abordaram em seu conteúdo o panóptico a partir das redes sociais digitais.

E ainda, em relação à pesquisa qualitativa, que tem a finalidade de compreender um determinado grupo social ou organização, nessa forma de pesquisa a preocupação não é quantidade (números), mas sim na relevância da informação. A pesquisa qualitativa preocupa-se, portanto, com aspectos da realidade que não podem ser quantificados, centrando-se na compreensão e explicação da dinâmica das relações sociais (GERHARDT et al. 2009).

Quanto aos critérios de inclusão foi utilizado o seguinte esquema: os artigos científicos de periódicos indexados nas bases de dados Portal de Periódicos Pepsic e Google Acadêmico nos últimos 5 anos, período de 01/01/2014 à 30/12/2018, e artigos de campo, que abordem o tema panóptico; redes sociais; dispositivos de controle; psicologia; psicanálise, subjetividade; facebook; instagram.

A metodologia para a realização da revisão sistemática, segundo Rother (2007), baseia-se em sete passos: (01) formulação da pergunta, (02) localização dos estudos, (03) avaliação crítica dos estudos, (04) coleta de dados, (05) análise e apresentação dos dados, (07) interpretação dos dados e aprimoramento e atualização da revisão.

Passo 01: A formulação da pergunta tem por objetivo guiar o que deve ser incluído no trabalho. A revisão sistemática “trata-se de uma fase aparentemente simples, mas que é crucial, pois, o processo de resolução do problema só terá sucesso se a questão for apropriadamente definida” (Pereira et al 2006, p. 492).

Passo 02: A localização dos estudos recomenda que “sejam utilizadas pelo menos duas bases de dados amplas e específicas para o tema em questão, selecionando palavras chaves para identificar as pesquisas existentes” (PEREIRA et al. 2006, p. 493). A busca de estudos mais amplos, sistematizada, diferencia a revisão sistemática de uma revisão tradicional (GALVÃO et al. 2004). As bases de dados utilizadas foram Pepsic e Google Acadêmico.

Passo 03: A validade dos estudos, “os critérios de inclusão determinados pelo revisor devem refletir diretamente a pergunta selecionada para a elaboração da revisão sistemática, incluindo os participantes, a intervenção e os resultados de interesse” (GALVÃO et al. 2004, p. 552). Foram excluídos os artigos que, ao analisar o título e o resumo, verificou-se que o conteúdo não se encaixava no interesse desse trabalho. Em sua maioria, os assuntos abordados estão associados a área da saúde, referindo-se a temas clínicos ou abordagens do tema aprendizagem, a partir do nascimento.

Passo 04: Todas as características estudadas devem ser observadas e resumidas, levando em conta as características do método, de quem participa e do objetivo clínico, que viabilizarão ou não a utilização deste estudo (ROTHER, 2007). Para a seleção dos estudos científicos, foi realizada uma busca por artigos, sobre o tema panóptico nas redes sociais digitais e sua relação com a subjetividade dos sujeitos e possíveis combinações das seguintes palavras chaves no período de 01/01/2014 à 30/12/2018: Panóptico; Redes Sociais;

Dispositivos de Controle; Psicologia; Psicanálise, Subjetividade; Facebook; Instagram nas bases de dados Portal de Periódicos da Pepsic e Google Acadêmico.

Após a busca realizada, selecionaram-se os artigos e a partir da leitura analisou-se o título e o resumo dos artigos, e em seguida, feito a verificação e selecionado apenas os artigos de língua portuguesa e que abordassem a temática do panóptico nas redes sociais que estão abordados nos resultados e discussões.

Passo 05: Nessa fase os dados foram pré-estabelecidos e agrupados baseados na semelhança dos estudos, assim como a apresentação gráfica e numérica, organizando e facilitando o entendimento do leitor. No momento da interpretação de dados, o objetivo foi determinar a força da evidência encontrada e a relevância da aplicabilidade (ROTHER, 2007).

Passo 06: Para a apresentação dos resultados, foi necessário que os artigos utilizados sejam dispostos em quadros, contendo informações como autores, ano de publicação, desenho metodológico, características do estudo, grupos de comparação. Todos os artigos selecionados foram dispostos em uma tabela, a fim de proporcionar uma visão geral da revisão, assim como as conclusões apresentadas pelos respectivos autores. Na análise de dados foi construído um formulário com base nas variáveis do estudo, em que foram dispostas as seguintes informações: nome dos autores das pesquisas, título do artigo, ano de publicação do trabalho, país onde a pesquisa foi realizada ou nacionalidade dos participantes do estudo, características do estudo ou design metodológico, e referência nas normas da ABNT.

Passo 07: Aprimoramento, uma vez concluído, a primeira versão da revisão sistemática recebeu comentários, críticas e sugestões que, quando pertinentes, deverão ser incorporadas à revisão por meio de aprimoramentos. Caso surja novos estudos sobre o assunto os mesmos serão agregados a pesquisa. “Se esta frequência for inadequada, pode-se optar por intervalos menores ou maiores, desde que as razões sejam devidamente explicitadas e acordadas com o grupo editorial” (SAMPAIO et al. 2007, p. 87).

7 RESULTADOS

Para obter resultados desse trabalho, primeiramente, realizou-se a busca dos artigos sobre o panóptico nas redes sociais digitais e sua interferência na subjetividade dos sujeitos. Identificaram-se esses estudos através da procura direta e combinações das palavras-chaves nas bases de dados do Portal de Periódicos da Google Acadêmico e Pepsic.

Apesar de um total alto de artigos encontrados na busca realizada no Google Acadêmico, ao analisar o título e o resumo constatou-se que o conteúdo de grande parte destes não se encaixava de fato, no contexto abordado neste estudo. Em sua maioria, devido a palavra-chave rede social, evidenciaram a questão de diversas instituições consideradas como dispositivos de controle que não somente as redes sociais digitais, tais como: redes sociais de pessoas, redes sociais de grupos etc.

Como exemplo, ilustrado na Figura 1, foram encontrados na base “Google Acadêmico”, na busca pelas palavras – chave: “panóptico”, “redes sociais”, “dispositivos de controle”, “psicologia”, “psicanálise” e “subjetividade” juntos, com período de 2014 a 2018 e apenas em português, um total de 623 resultados encontrados, dos quais notou-se, através das leituras dos títulos, que poucos indicavam que estavam relacionados ao tema buscado. Ao final, foi decidido refinar mais a pesquisa, inserindo duas palavras-chaves: “facebook” e “instagram”.

Figura 1 – Resultados das buscas nas bases de dados com as palavras-chaves propostas inicialmente.

Resultados da pesquisa	Google Acadêmico	Pepsic
Facebook; Instagram; Panóptico; Subjetividade; Redes Sociais; Psicologia; Psicanálise; Dispositivos de Controle	623	0

Após a referida mudança, ainda assim na base de trabalho Google Acadêmico em língua portuguesa, apresenta um número menor em resultados e maior no que diz respeito à artigos de acordo com o tema desejado, segundo a leitura dos títulos.

Na base Pepsic, encontrou-se o número de 0 resultados com a combinação das palavras-chaves, porém, ao final, foi feita uma busca apenas com a palavra-chave panóptico e foi constatado o número de 2 resultados encontrados e pela análise do título e resumo foi constatado que não se aproximam do tema proposto.

Contudo, esta pesquisa obteve 67 resultados encontrados apenas na base Google Acadêmico. Após esta busca, todos os artigos tiveram seus resumos analisados, e restaram 07 artigos selecionados ao final.

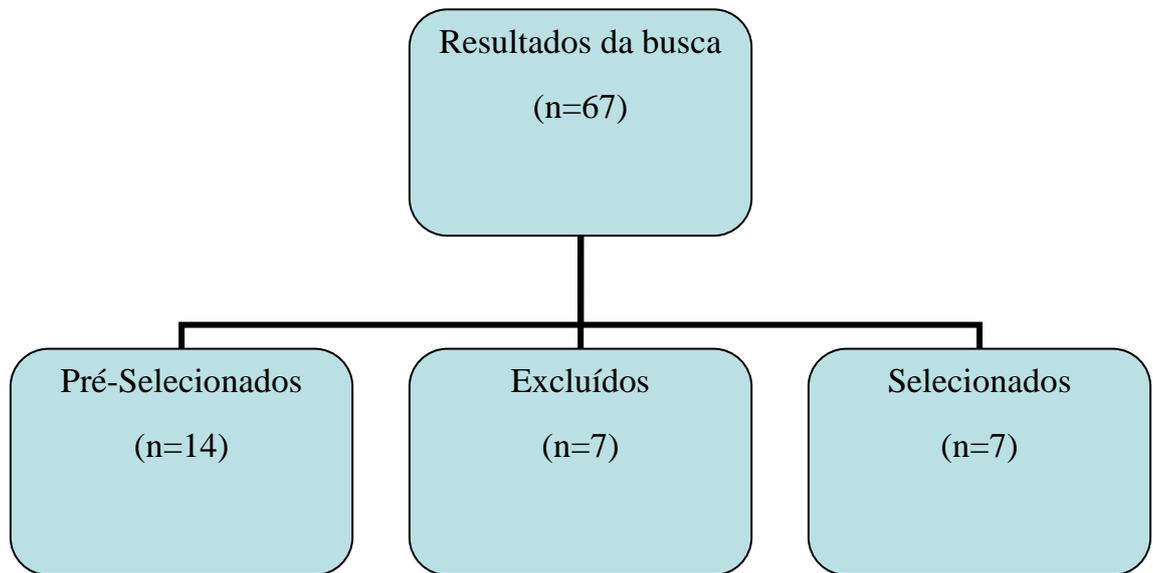
Figura 2- Resultados das buscas com o acréscimo de novas palavras-chaves para refinar a pesquisa.

Resultados da pesquisa	Google Acadêmico	Pepsic
Facebook; Instagram; Panóptico; Subjetividade; Redes Sociais; Psicologia; Psicanálise; Dispositivos de Controle; Facebook; Instagram.	67	0

Os motivos da exclusão dos artigos envolveram inúmeros fatores. A principal causa ocorreu por não serem estudos sobre o panóptico nas redes sociais digitais voltado para o âmbito da subjetividade. Desta forma, dos artigos selecionados pela análise do título, foram excluídos aqueles que tinham contexto voltado apenas para o processo de falar do panóptico nas redes sociais sem ter conexão com a subjetividade dos sujeitos.

Assim, ao final, os 7 artigos selecionados foram analisados e o resultado deste trabalho segue nos próximos parágrafos.

Figura 3 – Resultados da busca pelo título e resumo



Resultados encontrados no Google Acadêmico

Fonte: Autora desta pesquisa

O panóptico nas redes sociais digitais exerce influência na subjetividade dos indivíduos de formas negativas e positivas através da política, auto narrativas, humor e situações efêmeras do cotidiano. Mas como ele se exerce? De quais formas? Que hábitos em rede contribuem para tal?

Para responder essas perguntas serão apresentadas algumas informações relevantes levantadas nesta revisão sistemática sobre esse assunto.

Para os autores Assunção e Jorge (2014) “As mídias sociais como tecnologias de si” analisam que mutações estão ocorrendo sob o assédio de uma modelagem da ordem da cultura, cujo alcance e efeitos carecem de maior aprofundamento. Sob a perspectiva de Michel Foucault e sua compreensão dos dispositivos de controle, os autores falam a respeito da modificação no plano da comunicação, especialmente a partir do advento da internet. O estudo procurou compreender as implicações na constituição da subjetividade dos sujeitos e na forma de se comportar devido os tipos de interação nas redes sociais digitais.

Como conclusão, os autores constataram que as formações discursivas nas redes sociais digitais não são apenas formadas através das interações entre elas e nem mesmo exclusivas, considerando que o processo de formação de identidade é extenso e também formado na interação de outros contextos vivenciados pelos sujeitos.

Segundo Pfanffenseller (2016) em “O ‘eu’ no contemporâneo: narrativas de si na rede social facebook” estudou os relatos que os próprios sujeitos fazem si na rede social facebook e diz que a vida dos sujeitos são acontecimentos narrativos e que há uma montagem para o indivíduo fazer o seu “eu”.

Como conclusão a autora evidencia que estudar as narrativas dos sujeitos voluntários da pesquisa, principalmente no campo das redes sociais digitais, é compreender o processo de existência. Menciona ainda que a vida assim como as narrativas é autopoietica, o que significa que nenhuma das duas nunca estão por finalizadas. Pois, segundo a mesma, a identidade nunca é acabada, sendo ele um ser em constante aprendizagem e formador de sua personalidade enquanto vive. Assim, a autora deixa claro que o que mostra em seu trabalho é um extrato daquele momento da vida dos indivíduos pesquisados. A autora ainda extraiu que a vida dos sujeitos relatados na pesquisa é muito significativa fora das redes sociais digitais e importantes também para a formação de suas identidades. Tanto que a temática mais encontrada por eles foi “Relacionamentos”, em que foi identificado que os voluntários falavam bastante sobre famílias, animais de estimação, namoro e amigos.

Souza (2016) em “A luta por reconhecimento no facebook: a comunicação social nas redes sociais” narra as teorias sobre reconhecimento de vários filósofos, como Hegel e Honneth, Habermas, Fraser e Taylor. Diz que através da mediação social o indivíduo cria uma perspectiva moral de comportamento que quando não é correspondida pode até mesmo causar conflitos no meio social e que, por conseguinte podem causar até conflitos na sociedade.

Como conclusão o autor diz que no Facebook ainda que tenha uma noção de liberdade de expressão, existem condições que restringem a autonomia deste sujeito em rede na busca por esta visibilidade no interior desta rede social, como por exemplo, as expectativas do que é imposto moralmente e reivindicações de caráter normatizador com que os mesmos sujeitos buscam expressar sua identidade e assim, se auto realizarem. Conclui ainda que o Facebook é importante para a criação de atores sociais individuais e coletivamente. No entanto, não é sozinho que esta rede social faz isto. E que ainda, esta rede social é muito importante para a criação de poder e um poder que apresenta uma nova face que se descentraliza, mas nem por isto se desorganiza. E os sujeitos nela, brigam por um reconhecimento.

A autora Souza (2018) no artigo intitulado “Maternidade, Culpa e Ruminação em Tempos Digitais” traz as discussões sobre o ideal de cuidado e amor na maternidade tem aumentado nas redes sociais, ocorrendo debates que buscam desconstruir este tradicional tabu. Tais cobranças causariam um sentimento de culpa nas mães e para isto a autora expõe sobre Freud e sua base de mal-estar. A autora deixa claro, que tornar público um testemunho produz

uma nova subjetividade: a da vítima. E assim, demonstram que por meio de tais discursos não apenas mostram como se veem, mas também se comunicam com aqueles que a veem.

A autora conclui que as imposições da atualidade para uma maternidade prazerosa tornam difícil a convivência para as mães devido o sentimento de culpa causados, então diante da possibilidade de ser observada pelo outro, tornam público para assim modificarem o entendimento deste contexto e assim não tornam a experiência da maternidade tão frustradora.

Rosa e Chevitarese (2017) em “Vigilância e relações de poder nas redes sociais: questões éticas na sociedade contemporânea” analisaram a relação do uso das redes sociais e os mecanismos de vigilância social que tensionam as publicações e a interação nas redes sociais. Os autores entendem o panóptico nas redes sociais como uma nova forma de regulação da subjetividade dos indivíduos, nova forma de vigilância e nova forma de produção do saber. No entanto, ao citarem Bauman, diferenciam o panóptico de Foucault para o da atualidade, afirmando que o panóptico da atualidade é um banco de dados que funciona pela sua mobilidade, ao contrário do panóptico de antigamente que queria mobilizar as pessoas. Logo, afirmam que o panóptico da atualidade atua com sedução ligada a ideia de liberdade e visibilidade.

Como conclusão dizem que os sujeitos não são apenas “vítimas” da vigilância que se faz nas redes sociais, mas que todos também exercem o poder continuamente ao curtir, comentar, compartilhar, manifestar *emoticons*, para assim reforçar ou rebater discursos e práticas do meio social e investir em uma certa configuração de regulação da subjetividade e comportamento dos sujeitos à fim de desconstruir outras.

Silva (2018) em “Governança algorítmica e publicização das marcas: um estudo de caso” busca compreender como as marcas atuam em meio aos algoritmos nas redes sociais e se utilizou do Facebook para esta pesquisa, e para compreender como se dá sua distribuição de conteúdos. Assim, como compreende que os algoritmos fazem que os indivíduos tomem decisões na vida devido o alto teor de empresas que rastreiam a vida dos indivíduos na atualidade. Discute ainda a dinâmica das gigantes do consumo e como elas são capazes de atuar diante dos seus públicos de interesse na criação de valor e visibilidade estando assim a vigiar seus usuários.

Como conclusão afirma que a lógica dos conteúdos vigentes nas redes sociais digitais é baseada em determinar o que se consome nelas e quais conteúdos irão imperar para cada usuário, de acordo com suas regras e interesses. Bem como ressalta que as marcas podem chamar atenção dos usuários e assim agenciar novos movimentos culturais, da mesma forma que se utilizam de alguns movimentos para chamar atenção do consumidor.

Nascimento (2016) em “Do riso à materialização de ideologias: o funcionamento discursivo das piadas no facebook” estudou os discursos de memes, piadas e ilustrações retiradas do Facebook. Investigou de que forma o humor se encontra presente nas entrelinhas de discursos que são perpassados no decorrer de gerações até chegarem à internet. Em cima disso, levantou a teoria de Michel Foucault para explicar que na sociedade ocorrem os controles dos discursos como mecanismo de poder e que ainda que certas piadas possam parecer inocentes, elas são todas controladas nas redes sociais. Para analisar os dados colhidos, se utilizou da teoria da constituição dos sujeitos de Pêcheux (1993) e Orlandi (2002, 2007) sobre o discurso e sobre o intradiscurso, a formação discursiva e a formação ideológica.

Como conclusão a autora observou que as piadas não são textos apolíticos como muitos pensam, mas possuem um teor de verdade que foi perpassado. Destacou ainda que os discursos aceitos sem questionamentos dos indivíduos, servem de regulação dos corpos dos sujeitos. A autora conclui que as piadas também são modos de relação de poder, pois são transmitidas através de discursos de verdade do social que visa estabelecer uma verdade para que os sujeitos sigam estas normas.

A tabela número 1 a seguir apresenta um resumo dos artigos analisados no qual está descrito os nomes dos autores e o ano da publicação do artigo, as principais ideias abordadas no estudo, as características de cada estudo e o enfoque principal da conclusão dos trabalhos.

Nos artigos colhidos para esta revisão sistemática imperou um maior número de homens que falam sobre esta temática. Sendo a área de comunicação a que mais recorre a trabalhar esta temática.

Tabela 1 – Resumo das Análises dos Resultados

N°	Autores (s) e ano	Portal	Título	Principais ideias do autor	Características do estudo	Conclusões
01	Souza (2016)	Google Acadêmico	A “luta por reconhecimento” no FACEBOOK: a comunicação social nas redes sociais, uma interpretação sociológica.	Faz referência a luta por reconhecimento no Facebook desde o reconhecimento político, social e pessoal do próprio indivíduo no universo online, imperando a liberdade.	Uma pesquisa sobre as manifestações das formas de comunicação no Facebook de caráter qualitativa, experimental e exploratória.	As formas de lutar por reconhecimento no Facebook são bastante subjetivas e intersubjetivas.
02	Assunção e Jorge (2014)	Google Acadêmico	As mídias sociais como tecnologias de si.	Aborda as mídias sociais e as influências nas formas de expressarem suas individualidades decorrentes dela. A constituição da subjetividade dos sujeitos e a apresentação dos comportamentos em sociedade.	Análise discursiva dos memes e ilustrações nomeadas como piadas no facebook.	As piadas são discursos de agenciamento de poder. Elas não possuem caráter de inocência como muitos pensam. Levam consigo um estigma do que foi naturalizado e perpassado.

03	Nascimento (2016)	Google Acadêmico	Do riso à materialização de ideologias: o funcionamento discursivo das piadas no facebook.	Investigou-se o humor para abordar o controle dos discursos e como elas dizem muito mais sobre acontecimentos.	Análises discursivas de memes e ilustrações nomeadas como piadas no facebook.	As piadas são discursos de agenciamento de poder. Levando consigo um estigma perpassado por gerações.
04	Silva (2018)	Google Acadêmico	Governança Algorítmica e publicização das marcas: estudo de caso sob o paradigma da propagabilidade no ambiente numérico do facebook.	Procurou-se analisar como as marcas são capazes de atuar em especial no facebook, frente ao controle de algoritmos meio às estratégias de relacionamento orientado por dados.	Através do método de estudos de casos, buscou-se reconstruir situações reais por meio de dados e informações para sustentar a análise e possíveis soluções para o problema de pesquisa.	Os algoritmos manipulam os processos de consumo de informação na web, manipulando a escolha dos comunicadores por meio da filtragem invisível e bolhas de informação.
05	Souza (2018)	Google Acadêmico	Maternidade, Culpa e Ruminação em Tempos Digitais.	Explora as modificações históricas e subjetivas permitem as mulheres da maternidade.	Analisou-se alguns comentários que feitos por mães no facebook sobre falarem suas vivências maternas para refletir sobre esta manifestação contemporânea.	Diante da expectativa imposta pela sociedade no papel de mãe, as mulheres estão se utilizando das redes sociais para expor seus sentimentos maternos.

06	Pfaffenseller (2016)	Google Acadêmico	O “eu” no contemporâneo: narrativas de si na rede social Facebook.	Estudou as narrativas de si e “autonarrativas” no facebook.	As narrativas do eu de 9 sujeitos voluntários foram analisadas no facebook no período de 4 meses durante o estudo.	A vida, assim como as narrativas, portanto, é autopoiética, ou seja, nunca estão acabadas enquanto acontecem.
07	Rosa e Chevitarese (2017)	Google Acadêmico	Vigilância e relações de poder nas redes sociais: questões éticas na sociedade contemporânea.	Discutem as redes sociais enquanto meio de comunicação da contemporaneidade mediante uma leitura filosófica desse fenômeno social, considerando o problema da liberdade na atual sociedade tecnológica.	Os caminhos metodológicos descrevem o facebook como pano de fundo para formular desafios éticos, envolvendo a problemática dos mecanismos de poder e vigilância.	Se por um lado o Facebook é uma rede aberta, onde tudo que é postado encontra-se passível de julgamento e vigilância social, o Snapchat por sua vez pode ser entendido como uma área de relativa “sombra” para este panóptico cibernético. Pelo fato do conteúdo desaparecer em pouco tempo, a vigilância social é limitada e os usuários se sentem mais livres das amarras da “netiqueta” e dos impactos de controle exercidos pelos diferentes atores dessa rede.

8 DISCUSSÕES

Foi proposto tentar compreender as suas concentrações em formas de ideologias que permeiam o universo social. Ao final deste trabalho, observou-se que o panóptico tem perspectivas positivas e negativas, manifestando-se nas redes sociais digitais em formas de piadas, política, marcas e autonarrativas de si. Para compreendê-los, faz-se necessário o acionamento de diversos dados, tanto expressos na sua materialidade linguística quanto a partir da discursivização. Dessa forma, é importante destacar que essa análise não recai somente nas piadas propriamente dita, mas reflete também em seu locutor e ouvinte, sendo que cada leitor é único e este precisa dispor de conhecimento prévio e de mundo para facilitar sua compreensão.

Nota-se que o processo do panóptico passou por transformações devido o avanço das redes sociais, de acordo com as mudanças da sociedade, porém, este controle de vigilância nunca deixou de ser um tabu em qualquer época. Entende-se que o panóptico é um poder e não uma patologia, mas a depender das particularidades da elaboração deste processo para cada indivíduo, há a possibilidade de tornar-se uma doença. Através da pesquisa bibliográfica inicial, consegue-se perceber que, mesmo utilizando autores diferentes, as fases ou tarefas que constituem o processo do panóptico permeiam entre sentimentos de raiva, revolta, incredulidade, narrativas de si, humor, autoafirmação, publicidade e amor.

Mas, a depender das particularidades da elaboração deste processo para cada indivíduo, há a possibilidade de tornar-se uma doença. O panóptico no virtual surge, neste contexto, como uma saída para a sociedade contemporânea, que encontrou no espaço virtual uma maneira de ser autêntico e, ao mesmo tempo, não abandonar a característica de individualidade tão presente nos hábitos atuais como foi visto em Culpa, Ruminação e Maternidade...

Leva-se em conta a praticidade oferecida pela internet e o fato de ser um uma ação em um ambiente que não possui limites visíveis, o que pode ser um agravante para a não interação humana no cotidiano quando os sujeitos estão próximos fisicamente uns dos outros. Em contrapartida, esta vivência nas redes sociais possibilitou a expansão dos limites no que diz respeito a assuntos de cunho delicado, como a homossexualidade, transexualidade e preconceitos direcionados as mulheres como mostrou os trabalhos de Assunção e Jorge, Pfaffenseller e Souza. Que falam de uma luta de algum partido, que para ser feita é preciso de

linguagem o que vem a abordar o trabalho Souza que explica o Facebook é um instrumento de comunicação social pelo o qual o sujeito pode externa-se, ou seja, pode se colocar em relação ao mundo como achar que melhor lhe convém. É um canal onde o indivíduo pode escolher como e quando interagir, mas que para tal, um processo mostra-se de suma importância que são os processos comunicativos, mas que até para que este processo comunicativo ocorra é necessário o reconhecimento de si e que o outro o reconheça. Conceito defendido por Taylor que prega a importância da linguagem para a luta do reconhecimento.

Aliado a este fator, assuntos que são tabus para a sociedade em geral tornaram-se mais acessíveis, não podendo deixar de enfatizar que, cada vez mais, a internet torna-se uma extensão da vida “off-line”, por isso carrega as mesmas contradições e dificuldades do mundo real. Ou seja: se os sujeitos não soubessem que estão sendo observados, não estariam nesta busca por desconstruir preconceitos. As relações de poder e o controle estão destituindo a biopolítica e a docilização dos corpos “grotescos” como o filósofo dizia.

Michel Foucault (1975) disse certa vez em entrevista “se o poder só tivesse a função de reprimir, se agisse apenas por meio da censura, da punição, do impedimento, da exclusão, do recalçamento, ele seria muito frágil. Se ele é forte é porque produz efeitos positivos a nível de desejo e também a nível do saber. O poder, longe de impedir o saber, o produz.” E a este nível notou-se os resultados deste trabalho. O panóptico nas redes sociais digitais não somente exerceu efeitos negativos, como também exerceu efeitos positivos, como o falar de si mesmo para elaboração do cotidiano que se vê no trabalho de Souza sobre a luta pelo reconhecimento de si e no trabalho de Pfansfeller sobre as narrativas de si. Em que ambas possuem a formação de identidade ao falar de relacionamentos, amor, amizade, gostos e família.

Para ele, o poder encontra-se sempre associado a alguma forma de saber. Exercer o poder torna-se possível mediante conhecimentos que lhe servem de instrumento e justificação. Em nome da verdade legitimam-se e viabilizam-se práticas autoritárias de segregação, monitoramento, gestão dos corpos e do desejo. Inversamente, é no centro de aparatos sofisticados de poder que sujeitos podem ser observados, esquadrinhados, de maneira que deles sejam extraídos saberes produtores de subjetividade. Esta pesquisa mostrou como resultados os efeitos positivos do poder a partir do momento em que os sujeitos demonstram querer sair das práticas autoritárias, isto porque o poder irradia-se de modo microfísico, sem possuir um centro permanente. As relações de força são móveis e suscetíveis de se

modificarem, compõem arranjos transitórios dados a uma constante transfiguração, com isso produzindo um novo saber.

Tecnologias de si de Rosa e Chevitarese se refere ao mesmo poder, no entanto dentro da perspectiva das redes sociais digitais, apresentando que as mesmas trazem maior descompromisso com o impacto ou repercussão social de determinadas manifestações o que favorece a expressão de conteúdos desfavoráveis e preconceituosos como mostrou o trabalho de Nascimento sobre as piadas e memes no Facebook.

Se outrora vigorou o princípio segundo o qual era legítimo provocar a morte ou deixar viver, agora, invertendo-se a esta equação, os mecanismos de poder visam produzir a vida, articulados à possibilidade de se deixar morrer. Em cima de uma perspectiva psicanalítica pode-se afirmar que os indivíduos sentem que há coisas nele que o dominam sem que ele saiba o motivo – o que o Romantismo denomina “paixões” (para Freud, “pulsões”; para Nietzsche, “descargas do querer”). O homem moderno é alguém que se vê livre para agir, mas, enquanto possui e constrói seu destino, também se vê despossuído de si próprio, pois a paixão irrompe como um impulso intenso que o domina. Tal cenário permite o surgimento do psiquismo e da psicanálise. Ainda assim, existe um mundo que lhe é externo, a cujas regras o sujeito deve se adequar.

Para Freud, “a liberdade individual não é um bem cultural” (2010: 57). A civilização nunca visou a liberdade, apesar de muitas delas, sobretudo ocidentais, terem sido construídas sob o discurso libertário. Graças ao que chama de evolução cultural, a liberdade experimenta restrições – e a justiça pede que ninguém escape a elas. Tal evolução surge como um processo peculiar que se desenvolve na humanidade, movida, por sua vez, à força (Trieb), ou seja, pela pulsão de agressividade e autodestrutividade inerente aos indivíduos. Em paralelo, tem-se a sublimação do instinto. Na visão de Freud, sublimar seria cercear potências em vez de elevá-las. Não seria positivo, e sim problemático. O homem estabeleceu determinadas instâncias (leis, moral, costumes) para se afastar dos instintos que sublima – ainda presentes e que precisam ser controlados. No entanto, quando se vê neste trabalho que os indivíduos estão se tornando mais autênticos para liberar suas pulsões, isto demonstra um aspecto criativo.

Ainda nesta luta por sair das amarras impostas pela sociedade o trabalho sobre Maternidade e Culpa de Souza mostra como a subjetividade pode ser alterdirigida na qual a busca é pelo olhar alheio, tendo em vista que a participação de outros agentes além de si

mesma com a sua opinião e reações, integram a construção subjetiva contemporânea. A autora ainda destaca a prática bastante empregada das pessoas compartilharem informações e registros que serão “aplaudidos” pelos demais usuários à fim de não serem ignorados em redes sociais, e ao contrário disso, as mães tem publicado imagens que tendem a causar incomodo para mostrarem a sua realidade e assim criando um novo espaço de subjetividade.

E em cima dessas lutas tem quem participa dela com cunho capitalista para angariar o aparecimento das marcas, como mostra o trabalho de Governança Algorítmica de Silva. O autor aponta o processo de publicização algorítmica como mediador e modelador da subjetividade dos sujeitos por direcionar os usuários na produção de consumo por meio dos algoritmos. E ainda, investem em propagandas com “pegada” de militância para chamar atenção dos sujeitos, no qual incluem *hashtags* e assuntos voltados para minorias que estão em alta na mídia como mães, homossexualidade, negros etc. O trabalho de Silva mostra que a visibilidade procurada pelas mães pesquisadas em Maternidade e Culpa de Souza estão conseguindo obter sim visibilidades.

fiel escudeiro do monismo do reconhecimento, Honneth promoveu um debate acalorado com Nancy Fraser. Nessa questão, os pontos levantados por Fraser nos ajudam a acreditar que a luta por reconhecimento não tem fundamentos suficientes para ser eleita como motivo único dos conflitos sociais. O que nos faz tomar partido de Fraser durante o debate com Honneth é o fato que esta autora apresenta o fator “redistribuição”. Para tentar explicar melhor nosso ponto de vista, precisamos novamente resgatar Hegel

Quando fulano insinua que um indivíduo precisa problematizar, acredita-se que ele está em consonância com o trabalho de Nascimento sobre o funcionamento discursivo das piadas no qual diz que a ideologia age por meio de piadas e memes, mas não ocultando sentidos, porém apagando o processo de sua constituição. A agressividade disfarçada de piada, representa preconceitos, imposições, dogmas religiosos e força uma posição. Essa naturalização dos discursos causam modificações no cotidiano das pessoas, uma vez que possuem ideologias e os sujeitos se constituem de ideologias perpassadas pela sociedade.

É nesse sentido que pode ser suposto que a autora Pfanffenseller concorda com todos os autores mencionados nesta revisão sistemática por ela supor que o Facebook não isola as pessoas, pois todos os sujeitos possuem contatos em suas relações como amigos da rede social.

E essa visibilidade é justamente o que permite fazer tudo o que foi visto nos outros artigos dos outros autores por permitir fortalecer os laços já existentes entre os atores sociais.

Entrando no amago desta pesquisa , que são as diversas formas de atuação do poder, o panóptico deste trabalho, e ainda, as suas formas de atuação e influência na subjetividade dos sujeitos em sociedade. Como foi possível perceber no transcorrer deste trabalho , foi apontada a grande importância do panóptico para o cenário de luta por reconhecimento, ativismo social, desconstrução de dogmas e estabelecer papel de fala.

Porém, para que isto aconteça, é importante que na comunicação online dos sujeitos tudo seja feito de modo muito claro. É nesse sentido que concorda-se com o “cuidado de si” de Michel Foucault no qual mostra como os romanos viveram uma ética de austeridade. Na qual, cuidar de si era uma prática social e política. O filósofo mencionava as chamadas técnicas de si que transformavam o imperativo socrático “conhece-te a ti mesmo” em algo mais prático , porém bem mais amplo, que virtual pelo caminho de não somente se conhecer, mas também, se governar, ampliar ações a si próprio , tendo por certo que o objetivo do indivíduo maior a ser na vida seja o si mesmo , e que o maior instrumento para tal fim, seja ele mesmo também.

Por último, e não menos importante, pode ser afirmado que os sujeitos nas redes sociais digitais conforme os trabalhos encontrados nesta revisão sistemática, estão fazendo as práticas relativas ao cuidado de si mencionadas por Foucault, que diziam respeito à necessidade que o homem tinha de discursos verdadeiros para dirigir-lhe a vida

9 CONSIDERAÇÕES FINAIS

De que forma este trabalho responde ao problema de pesquisa? O panóptico se exerce de inúmeras formas e por meio de discursos. Pode-se afirmar que os sujeitos estão todos os dias em constante estado de ativismo na luta por reconhecimento de seus sentimentos, ideologias, causas, lutas, discursos e até por si mesmo. O poder que no passado se exerceu apenas como prisão, atualmente também se exerce como fonte de liberdade e autenticidade. Uma grande mudança que causou surpresa para a autora deste trabalho que vê com otimismo uma parte das consequências deste panóptico com a sua influência na subjetividade dos sujeitos devido as redes sociais.

É importante dizer que a pequena quantidade de artigos selecionados sobre essa temática deve-se a grande maioria tratar de trabalhos realizados por profissionais de outras áreas, tais como Comunicação Social, Publicidade, Administração, Letras e Sociologia que quase todos vem abordar o panóptico nas redes sociais e sua influência na subjetividade dos sujeitos. Vale ressaltar ainda que o assunto redes sociais é muito comum nas pesquisas realizadas nas bases de dados, assim tornando a quantidade de artigos bem elevado, pois, os temas relacionados a esse assunto, bem como subjetividade, são bastante discutidos, principalmente por profissionais da comunicação e filosofia. Como é parte do processo da revisão sistemática, este trabalho estará sujeito a aprimoramento periódico, por autores externos, no intuito de mantê-lo atualizado no que se refere aos estudos que ainda surgirão, sobre o panóptico na contemporaneidade.

Conclui-se que existem muitas discussões voltadas para a rede social Facebook e ainda muito pouco do Instagram. No entanto, a Psicologia e Psicanálise também ganham destaque nesse campo sendo extremamente mencionadas e citadas nestas pesquisas por todos os autores, apresentando teorias e estudos que se mostram eficazes e confiáveis, pois a maioria dos estudos demonstram boa avaliação de confiança na compreensão das duas áreas sobre sociedade, cultura e sujeito.

É importante dizer que a pequena quantidade de artigos selecionados sobre essa temática deve-se ao fato de que existem muitos trabalhos sobre redes sociais digitais, mas não atrelados a temática do panóptico ou especificamente da subjetividade.

Ao final, conclui-se que a maior dificuldade deste trabalho foi devido ao fato de maioria deles serem teses e dissertações. O que tornou a leitura deles bastante densa devido possuírem mais de 200 páginas em sua maioria. Por outro lado, foi observado que muitos pesquisadores estão atentos para as necessidades que as redes sociais possuem. Este modo de pensar, fornece a expectativa de que este campo ainda terá grande destaque.

Como é parte do processo de revisão sistemática, este trabalho estará sujeito a aprimoramento periódico, por autores externos, no intuito de mantê-lo atualizado no que se refere aos estudos que ainda surgirão, sobre o panóptico nas redes sociais digitais e sua relação com a subjetividade dos sujeitos.

É importante que psicólogos atenham-se a pesquisar sobre a temática da vigilância nas redes sociais, assim como a sua interferência na subjetividade dos sujeitos, tendo em vista que no campo social da contemporaneidade as redes sociais permeiam grande parte do tempo dos indivíduos, onde todos estão expondo os mesmos conteúdos levados para um *setting* terapêutico ou um divã. Afinal, é preciso saber o que estão fazendo os psicólogos e psicanalistas diante das queixas que apresentam as redes sociais.

REFERÊNCIAS

- BARROS, José D'Assunção. **O conceito de alienação no jovem Marx**. In: Tempo Social, revista de sociologia da USP, p. 223-245, v. 23, n. 1, São Paulo, 2011. Disponível em: . Acesso: 05 març. 2019.
- BENTHAM, J. **O panóptico**. Belo Horizonte: Autêntica Editora LTDA, 2008.
- BRASILEIRO PASSA MAIS DE 3 HORAS E MEIA POR DIA EM REDES SOCIAIS. **Blog Porta 23**. 2018. Disponível em: <<https://porta23.blogosfera.uol.com.br/2018/02/05/brasileiro-passa-mais-de-3-horas-e-meia-por-dia-em-redes-sociais/>>. Acesso em: 27 jan. 2019.
- BRUNO, Fernanda. **Dispositivos de vigilância no ciberespaço: duplos digitais e vigilâncias simuladas**. Revista Fronteiras, São Leopoldo, v.8, n. 2, p. 152-159, maio/ago. 2006.
- CASTELLS, M. *Redes de indignação e esperança: movimentos na era da internet*. Rio de Janeiro: Zahar, 2013.
- COSTA-MOURA, F. **Proliferação das #hashtags: lógica da ciência, discurso e movimentos sociais contemporâneos**. Ágora (Rio J.), vol.17. Rio de Janeiro, Agosto. 2014
- CHARTERIS, J., GREGORY, S., & MASTERS, Y. (2014). **Snapchat 'selfies': The case of disappearing data**. In B. Hegarty, J. McDonald, & S.-K. Loke (Eds.), *Rhetoric and Reality: Critical perspectives on educational technology*. Proceedings ascilite Dunedin 2014 (pp. 389-393).
- DIAS, C. COUTO, O, F. **As redes sociais na divulgação e formação do sujeito do conhecimento: compartilhamento e produção através da circulação de ideias**. *Revista Linguagem em (Dis)curso*, Tubarão, SC, 2011.

Entrevista com Alison Darcy. **Redes Sociais. “A nossa saúde mental nunca esteve tão perturbada como agora.” Observador.** Disponível em:

<<https://observador.pt/especiais/redes-sociais-a-nossa-saude-mental-nunca-esteve-tao-perturbada-como-agora/>>. Acesso em: 12 de nov 2018.

ETIENNE, L. B. **Discurso sobre a servidão voluntária**, 2006. Disponível em: <http://www.miniweb.com.br/biblioteca/Artigos/servidao_voluntaria.pdf> Acessado em: 24 nov. 2018.>

FOUCAULT, M. **Vigiar e punir: história do nascimento das prisões**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.

MINISTÉRIO DA SAÚDE, **Cartilha sobre saúde mental**, 2007.

HARARI, Y. N. **Entrevista sobre “A tecnologia permitirá ‘hackear’ os humanos”**. El País: 26 ago. 2018. Entrevista concedida a Cristina Galindo. Disponível em: <https://brasil.elpais.com/brasil/2018/08/20/eps/1534781175_639404.html>. Acesso em: 24/10/2018.

HARARI, Y. N. **Homo Deus: Uma breve história do amanhã**. São Paulo: Companhia das Letras, 2016. .

Lyon, D. **A sociabilidade do ciberespaço: controvérsias sobre relações mediadas por computador**, 1997.

RECUERO, Raquel da Cunha. **Redes Sociais na Internet: Considerações iniciais**, 2004.

PINKER, Steve. **Tábula Rasa: A negação contemporânea da natureza humana**. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

GALVÃO, C. M; SAWADA, N. O.; TREVIZAN, M. A. **Revisão Sistemática: recurso que proporciona a incorporação das evidências na prática da enfermagem**. Revista Latinoamericana de Enfermagem, Ribeirão Preto, v. 3, n. 12, p.549-556, maio/jun. 2004. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rlae/v12n3/v12n3a14>>. Acesso em: 28 de julho 2018.

GIL, Antônio C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. - 6. ed. - São Paulo : Atlas, 2008, p. 27.

ROTHER, E. T. **Revisão sistemática versus revisão narrativa.**2007 Disponível em: Acesso em: 01 ago 2018.

LEN, Fernando; MAZZILLI, Paola. **Imagens Líquidas: Um Estudo Sobre a Construção de Identidades no Aplicativo Snapchat.** Intercom XX Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sudeste. (Uberlândia, MG). 19 a 21/02/2019

OLIVEIRA, M.F.. **Metodologia científica: um manual para a realização de pesquisas em Administração** Catalão: UFG, 2011, p.21.

PEREIRA, Â. L.; BACHION, M. M.. **Atualidades em revisão sistemática de literatura, critérios de força e grau de recomendação de evidência.** Revista Gaúcha de Enfermagem, Porto Alegre, v. 4, n. 27, p.491-498, dez. 2006. Disponível em: <<http://seer.ufrgs.br/index.php/RevistaGauchadeEnfermagem/article/view/4633/2548>>. Acesso em: 28 jul. 2018.

LUXTON, D. D., June, J. D., & Fairall, J. M. (2012). **Social media and suicide: A public health perspective.** American Journal of Public Health, 102(2), 195-200.

TAPIAS, J.A. P. **Internautas e naufragos. A busca do sentido na cultura digital.** São Paulo: Edições Loyola, 2006.

SAMPAIO, R. F.; MANCINI, M. C. **Estudos de Revisão Sistemática: um guia para síntese criteriosa da evidência científica.** V. 11, n. 1. São Carlos-SP: Revista Brasileira de Fisioterapia, 2007. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-35552007000100013> Acesso em 01 de ago 2018.

ROYAL SOCIETY FOR PUBLIC HEALTH. **Status of Mind.** 2018. Disponível em: <<https://www.rsph.org.uk/our-work/campaigns/status-of-mind.html>>. Acesso em: 11 nov. 2018.

SAMPAIO, R. F.; MANCINI, M. C. **Estudos de Revisão Sistemática: um guia para síntese criteriosa da evidência científica.** V. 11, n. 1. São Carlos-SP: Revista Brasileira de Fisioterapia, 2007. Disponível em acesso em 12 de ago 2017.

Diretrizes metodologias de revisão sistemática. Ministério da Saúde, 2015.

ANEXOS

APÊNDICES